















*Ele, que “como a aurora [...] tinge de cores diferentes a extremidade do céu” (p. 77), em primeiro lugar, dentro de mim: “Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé” (p. 76). Esta é a companhia de que preciso, uma presença que me leve a viver: “A vida, assim, adquire um novo significado e uma nova unidade. [...] Só na experiência dessa coesão é que começa a despertar, no horizonte de nossa consciência, a percepção de um significado positivo do tempo, apesar de tudo: a percepção de algo maior e mais forte que o mal, e mais poderoso que a estreiteza do presente” (p. 79).*

**Carrón:** Assim como aquele estudante encontrou o sentido da sua vida – a ponto de dizer ao professor para manter a aula porque dá a ele o significado e o combustível para o dia inteiro –, do mesmo modo nós podemos interceptá-lo se prestamos atenção em como o Mistério virá ao nosso encontro na vida. É o que vemos acontecer também nos hospitais, onde a luta pelo significado emerge em toda a sua potência; não acontece somente aos outros, mas também a nós através dos outros.

**Colocação:** *Conto um episódio muito simples que vivi nestes dias de trabalho muito intenso no hospital. Ontem, em uma das poucas pausas de trabalho, troquei duas palavras com um colega. Trabalhamos em duas UTIs diferentes, e ele procurou justamente a mim para compartilhar um pensamento seu: começou sem rodeios, dizendo que neste período intenso e difícil que estava vivendo conseguia ver com clareza quem era sustentado por uma certeza, e a chamou justamente de fé. Usou exatamente essas palavras! Fiquei desconcertado, em primeiro lugar porque não esperava ouvir isso dele e, em segundo lugar, porque eu não tinha me dado conta, estava apenas concentrado no meu empenho profissional, como se estivesse relegando Cristo à oração da manhã, sem reconhecê-lo como Aquele que sustenta o dia inteiro – sem Ele, de fato, seria impossível a ideia de me levantar de manhã todos os dias para ir em meio à morte e ao sofrimento –. Por isso, minha oração, agora, é que me seja dado esse frescor do olhar para poder percebê-Lo em ação nesta realidade difícil. Se alguém tomou consciência disso olhando para mim, eu também gostaria de tomar consciência!*

**Carrón:** Fico impressionado com o fato de que o que interessa ao seu colega seja encontrar o que possa sustentar a vida dele quando está no trabalho. Você estava preocupado com seu empenho profissional, porém o que interessa a ele em relação a você é o que o sustenta a partir de dentro: uma certeza! É impressionante porque é o que Giussani diz nestes capítulos preciosos da Escola de Comunidade, quer dizer, que a tarefa do chamado é “introduzir a humanidade na relação definitiva com o mistério de Deus” (p. 71), ou seja, introduzir os outros na familiaridade com Cristo. É disso que seu colega mais precisa e por isso está atento, para interceptar quem é sustentado por uma certeza – mesmo que fosse um desconhecido – e descobre isso em você pelo modo como você vive o trabalho. Não precisa buscar essa certeza entre pessoas que vão à igreja, basta-lhe interceptá-la entre aqueles com os quais trabalha lado a lado, e é ali que vê Cristo permanecer como acontecimento presente. É impressionante porque, desse modo, reconhecendo quem tem essa certeza, a devolve a você, a nós. Em sua oração, você pede justamente o frescor do olhar do seu colega, mas não percebe que esse frescor já está invadindo a sua vida, tanto é verdade que o outro toma consciência disso e faz você reconhecê-lo. Deus lhe dá alguém que, com seu olhar, com sua consciência devolve a você o frescor, para que você, que o comunicou a ele, também se torne consciente.

**Colocação:** *À luz da experiência destes meses (rico de eventos que não me delongarei contando), este mês, que se passou de um modo inimaginável, percebi sobretudo a pobreza e a impotência que nasceram em mim. Não pude fazer nada além de “me agarrar” à carta que você escreveu para a Fraternidade. Pareceu-me realmente, desde o início, a oferta humilde de sua parte de uma experiência necessária para ser possível viver. Entendi que a paternidade não é devida a mim – e também compreendi isso por ocasião da sua reeleição a presidente da Fraternidade –, e que essa paternidade faz parte do relacionamento com o Mistério. Seguindo, como todos, o caminho,*



*percebi quanto a autoconsciência da qual você fala não é óbvia. A carta, na verdade, me desconcertou desde a primeira página, onde você fala da necessidade de “viver intensamente o real”, frase que ouvi mil vezes. Porém, nestes dias entendi que essa intensidade é, antes de mais nada, uma intensidade que deve ser acolhida. Exatamente como diz o décimo capítulo de O Senso Religioso: “É uma passividade que constitui a minha atividade originária, a de receber, constatar, reconhecer” (p. 157), antes de todo o resto. Na dificuldade cotidiana de aguentar e olhar o contragolpe do que está acontecendo neste período, estou me dando conta de que a irrupção do Mistério na nossa vida tira dela a inevitável “vulgaridade”, para usar o termo de Pasolini no texto do cartaz de Páscoa! Que experiência sempre surpreendente, sempre diferente, porque nos fala de outra coisa, da diversidade de um outro, da força de um outro, mas também da ternura de um outro. É a ternura de Deus o que mais me toca, a Sua vontade de dar-se a conhecer, apesar de tudo, a nós pobres coitados. Assim, faz-me voltar a ser, agora. Por isso, comovo-me diante da pergunta que você nos fez: “O que nos arranca do nada?” Nesse caminho, comecei também a entender mais a frase do texto da Escola de Comunidade que durante estes meses você repetiu tantas vezes: “Um encontro, se é totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações” (p.38). Vi, vivendo esta situação, que o encontro com o âmbito de relações alimenta somente a discussão, abundante e normalmente inútil destes dias (também através das redes sociais e mensagens), enquanto o encontro como forma de tudo ajuda a viver, dá forma àquilo que nos é pedido viver, não importa o que seja. Neste caminho, aprofunda-se a cada dia o alcance do meu “sim”, a cada dia e a cada hora. Começo a entender que é um “sim” vertiginoso e único ao mesmo tempo, também porque eu sou o conjunto das ideias que tenho sobre mim mesmo, sou o fato presente da Sua iniciativa sobre mim. Julián, gostaria de uma ajuda para aprofundar isto: que conteúdo tem para você o “sim” que nos pede na carta?*

**Carrón:** O conteúdo do nosso “sim” é o que está emergindo nesta noite de um modo muito simples: na modalidade com a qual os outros o reconhecem em nós e nos dizem. Muitas vezes podemos viver distraídos, mas os outros percebem o valor do nosso “sim” pelo modo como o interceptam em nossa vida, e nos documentam como os sustenta quando o veem acontecer. Por isso, o meu “sim” é como o “sim” de cada um de vocês, nas condições nas quais Deus os pôs. Alguns, como o nosso amigo médico, devem dizê-lo na ala de um hospital, outro deve dizê-lo na escola, outro, na família, eu, em casa. A circunstância na qual somos postos não decide o valor do “sim” de cada um, não diminui o seu valor, porque é ali onde o Mistério nos chama a responder. Como o Mistério vai usar esse “sim”, é um problema Seu. A nós, cabe responder “sim”, porque é a modalidade através da qual Ele torna este “sim” um bem para todos. Fiquei tocado ao ler esta semana o livro do mês, dedicado à história do cardeal Van Thuan (T. Gutiérrez de Cabiedes, *Van Thuan. Libero tra le sbarre*, Roma: Città Nuova, 2018). Embora o Mistério tenha permitido que fosse obrigado a renunciar a tudo, que ficasse isolado (como nós, agora, estamos isolados em tantos momentos), que fosse despojado de tudo, nada pôde impedir que seu “sim” a Cristo se tornasse tão potente a ponto de mudar todos os guardas designados a vigiá-lo, tanto que precisavam trocá-los continuamente; deste modo, continuava a sua missão. Toda a potencialidade daquele “sim” era valorizada, um “sim” que a ele, inicialmente, parecia inútil porque não lhe permitia ser útil ao mundo do modo como imaginava. Mas o Mistério tinha escolhido outra modalidade para fazê-lo ver qual era a sua utilidade.

Para esclarecer em que consiste essa utilidade, concluo lendo a carta de uma jovem de dezesseis anos que, por ter problemas de saúde, está ainda mais isolada de todos e de tudo. Escutem o que escreveu a um adulto que acompanha os jovens dos Colegiais na sua cidade:

“A chegada da pandemia me trancou em casa. Como todos, sofri a falta de tudo, mas para mim havia mais uma coisa em questão. Por causa da minha doença, se contraísse o vírus, poderia morrer. É algo real. Acredito que só a experiência destes anos e a amizade com você [escreve para sua amiga] fizeram com que eu não desmoronasse. Então, mesmo sentindo medo, procurei, a cada dia, viver tudo seriamente, mas a oração permanecia um pedido: que tudo isso termine logo. Você diz que nos negligenciou. Eu digo que, mesmo que não esteja fazendo as coisas conosco, você está

conosco com mais força do que antes [quem escreve isso é uma menina de dezesseis anos!]. E aquela coisa maior se fez conhecer do modo mais simples possível, ou seja, fazendo acontecer fatos que pouco a pouco encheram de uma estranha alegria meu coração doente pelo medo: é A/algum [com letra maiúscula e minúscula na mesma palavra] que tem o poder de me libertar da angústia porque quer me fazer respirar a vida, a vida que existe também agora e que vi em vocês. Eu sei, porque antes ficava em casa para não correr o risco de morrer, para não perder o respiro. Agora estou em casa para viver, viver. Ficar em casa não é para me defender de uma ameaça, mas é o lugar no qual espero ser alcançada pela vida verdadeira. Tudo mudou, desde meu modo de viver o estudo à distância até o meu modo de olhar para os amigos. ‘Sim, porque Ele está aqui’. Ouvindo suas histórias, vendo seus posts nas redes sociais, quantas vezes desejei poder estar lá, mas logo pensava que não posso me expor [com o risco de contrair o coronavírus, por causa da sua doença]. Mas nunca fiquei com raiva ou triste, porque eu também já gozava do que via acontecer em você. Viver esta nova situação com o mesmo olhar de sempre foi difícil, mas não impossível. Difícil, porque não basta repetir palavras positivas. Não impossível, porque basta apenas que reaconteça, e hoje reaconteceu. A verdadeira alegria está em dar a vida pela obra de Outro e a primeira obra sou eu, que deixei minha humanidade ser nutrida pelo Único que pode fazer isso”.

É assim que Cristo reacontece e permanece na história. É o que celebramos agora, fazendo memória daquele “sim” que mudou o mundo. Aparentemente celebramos uma derrota; inicialmente ninguém entendia porque dava a vida, nem mesmo Seus discípulos, mas ninguém pôde dissuadi-Lo de seguir o desígnio do Pai. Por quê? Porque Jesus sabia que só se o grão cai na terra e morre, pode dar fruto. O nosso “sim” é isto. E é isto que celebramos na Quinta-feira e na Sexta-feira Santas, esperando ver o fruto da Sua ressurreição na vida de cada um de nós. Temos a possibilidade – principalmente neste momento – de nos identificarmos ainda mais com Ele, seguindo um desígnio que não é o nosso, para nos doarmos a Ele no silêncio – repito, segundo um desígnio que não é o nosso – para o bem de todos. Espero que este ano a Semana Santa não seja percebida como um “a menos” pelo fato de termos que celebrá-la de um modo não usual. Pelo contrário, aproveitemos esta ocasião para nos identificarmos mais com o “sim” de Cristo, que foi e é verdadeiramente a salvação do mundo.

## AVISOS:

Não podendo, evidentemente, participar dos gestos habituais da Semana Santa, a sugestão é acompanhar através das mídias as celebrações presididas pelo Papa.

Sugerimos também que aproveitem a ocasião para retomar em família os textos do livreto que Dom Giussani sempre propôs para nos ajudar a viver a Semana Santa, que está disponível no site de CL, no formato PDF.

Que a essencialidade da proposta que fazemos seja, para cada um, ocasião para ir a fundo daquilo de que verdadeiramente precisamos para viver. Não nos deixemos distrair por outras coisas, identifiquemo-nos com Aquele que, este ano, nos chama a viver a Semana Santa nestas condições insólitas. O Mistério não está “distraído” e, portanto, não devemos encher esses dias com a nossa genialidade! O modo mais simples para ir atrás do Mistério é viver seguindo a modalidade proposta pela Igreja e pelo Movimento.

Especialmente neste ano, a Semana Santa é uma oportunidade única para tornar viva em nós a experiência do silêncio, assim como Dom Giussani entende: “O silêncio [...] não é um nada, o silêncio é uma oração, é a consciência de estar diante de Deus, [...] é um pedido” (L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Milão: Bur, 2018, pp. 212-213).

Fundo Comum. Nestes dias tão dramáticos, todos sentimos vivo o desejo de ajudar também financeiramente as pessoas nas necessidades que têm e que terão no futuro próximo. Como já tive ocasião de escrever a vocês, Dom Giussani nos educou a conceber e a viver cada detalhe em nexos com o todo e com uma concepção comunitária do que possuímos. Por isso, peço que considerem com grande seriedade o empenho para com o Fundo Comum de modo que a Fraternidade possa

fazer frente, nos limites do possível e levando em conta todos os fatores em jogo, às diversas necessidades que têm se apresentado e que se apresentarão.

Difusão dos avisos do Movimento na Itália. Foram criados uma nova plataforma e um novo aplicativo (que pode ser baixado no celular) para a difusão dos avisos centrais do Movimento. A partir da metade de abril essa será a única maneira com que, na Itália, serão comunicados os avisos nacionais e regionais.

Passos e instrumentos de comunicação. A *Passos*, o site e as redes sociais do Movimento são um instrumento precioso – estamos vendo nestes tempos – que nos acompanha no caminho de todos os dias. Muitos conteúdos propostos por esses meios podem ser compartilhados com amigos, colegas, parentes, etc., ainda mais neste momento.

Lembro que assinar a revista é um modo de sustentar toda a atividade de comunicação do Movimento. Não havendo a possibilidade, neste ano, de assinar ou renovar a assinatura durante os Exercícios Espirituais, nos próximos dias será lançada uma campanha especial de assinaturas.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 6 de maio, às 21h, na modalidade que será comunicada com base na evolução da emergência sanitária.

Continuaremos o trabalho sobre *Deixar marcas*, retomando os pontos 5 e 6 do texto: 5. “UMA CONCEPÇÃO NOVA DA INTELIGÊNCIA E DA AFEIÇÃO” e 6. “UMA MORALIDADE NOVA”, que são particularmente pertinentes ao caminho que estamos fazendo nesta circunstância tão desafiadora.

Quem desejar enviar sua contribuição contando sua experiência ou enviando perguntas sobre estes pontos pode escrever para o endereço habitual: [sdccarron@comunioneliberazione.org](mailto:sdccarron@comunioneliberazione.org)

Desejo a todos vocês e a suas famílias uma Feliz Páscoa.

Tchau a todos!